

## **ANESTESIA EM ANIMAIS AQUÁTICOS: PEIXE E TARTARUGA-MARINHA ODS (3 e 14)**

Adrielly Silva Bifon (Universidade de Taubaté)  
Ana Caroline Dias Marques (Universidade de Taubaté)  
Maria Clara Lima de Araújo Pereira (Universidade de Taubaté)  
Esp. Fernando Marchi Porfírio Reis (Docente Universidade Taubaté)

O controle da dor por meio da anestesia é importante para garantir o bem-estar dos pacientes submetidos a procedimentos cirúrgicos. Os anestésicos possuem diversas classes sendo essas responsáveis por inibir a transdução, transmissão, modulação e recepção do impulso nervoso reduzindo e/ou extinguindo assim a percepção da dor. O objetivo do presente estudo é de apresentar protocolos anestésicos e de manejo realizados em animais marinhos (com foco em peixe e tartaruga-marinha). O método utilizado para obter as informações foi de pesquisa em livros e em relatos de casos de anestesia nesses animais na plataforma do Google Acadêmico. Para os procedimentos realizados com peixes a escolha do anestésico depende da espécie, via de administração e qualidade da água (considerando temperatura, pH, concentração de oxigênio e compostos nitrogenados) devido a isso, é comum utilizar a anestesia por imersão (sendo a via de administração, as brânquias) com tricafina metano sulfato (MS-222®) e eugenol. O MS-222® é empregado em concentrações de 100 a 200 mg/l para indução, 50 a 150 mg/l para manutenção e 15 a 50 mg/l para sedação; enquanto o eugenol é um anestésico alternativo, sendo que uma mistura de 1:10 em etanol 95% produz uma solução estoque de 100 mg/l. Nos procedimentos fora d'água, é essencial evitar o ressecamento da pele, olhos e nadadeiras, além disso imobilização adequada previne lesões que podem levar a doenças e óbito. A anestesia em peixes exige controle rigoroso de variáveis ambientais para garantir a segurança e dos parâmetros comportamentais, como movimentos operculares e tônus da mandíbula. Já nos procedimentos com as tartarugas-marinhas a indução anestésica é feita com Cetamina (10-15mg/kg) via intramuscular (IM) em combinação com a Medetomidina (0,008mg/kg) via IM, ou Propofol (5- 7mg/kg) via intravenosa (IV). Na anestesia geral, a recomendação é que seja inalatória com Isoflurano (1,5-,7%) ou Sevoflurano (1-4,5%) e que seja administrado Butorfanol (0,2-0,4mg/kg) via IM e Midazolam (1-2mg/kg) via IM como pré-anestésicos garantindo a analgesia e a sedação. Na intubação é preciso levar em consideração que a traqueia da tartaruga é composta por anéis cartilagosos completos, com uma mucosa muito delicada. Ademais, o fluxo de gás na anestesia inalatória das tartarugas é o mesmo utilizado em clínicas, com sistemas fechados com vazão de 10 a 100ml/kg/min e sistemas abertos com vazão de 200 a 300ml/kg/min. Outro ponto a ser considerado é a necessidade do uso da ventilação manual ou mecânica durante o procedimento por causa do estado de apneia em que as tartarugas entram, sendo recomendada uma frequência de 1 a 6 respirações por minuto. Devido a forma como os anestésicos são metabolizados pelo organismo das tartarugas a recuperação geralmente é lenta, necessitando de uma boa monitorização até que o paciente se recupere totalmente,

consiga respirar sozinho e possa voltar à água. Logo, o resultado obtido foi que não há um protocolo único para anestesia em animais marinhos podendo utilizar diversos fármacos por diferentes vias. Concluindo que para uma boa individualização de protocolo é necessário conhecer as particularidades anatômicas e fisiológicas de cada espécie.

**Palavras-chave:** Peixe; Tartaruga- Marinha; Procedimento; Analgesia.